

nidade e utilidade de um livro como este fala o Cardeal Martini, quando, no Prólogo, diz que «sobretudo hoje em dia, com a redução de certos apoios ambientais e de certas tradições do costume sociocultural, se impõe um trabalho educativo para a inteligência da fé e para a formação da consciência cristã».

Entre as numerosas entradas, pode o leitor encontrar coisas referentes à divina Revelação, como: Aliança, Bíblia, criação, redenção, ressurreição, revelação, salvação; ou à vida da fé, como: amor, carisma, consciência, ecumenismo, Igreja, inferno, mal, matrimónio, moral cristã, pecado, vida eterna; ou à fé em sua relação com a história, como: ateísmo, concílio, heresia, Igreja ortodoxa, Igreja protestante, novos movimentos religiosos, ordens religiosas, religiosidade popular, secularização; ou em relação à cultura e à sociedade, como: democracia, família, política, trabalho, comunicações sociais, etc. Em muitos dos textos insere-se, sobre fundo cinzento, algum texto de antologia, a propósito, extraído da Escritura ou de algum teólogo autorizado.

Obra cientificamente coordenada, na sua versão original italiana, por Gianni Ambrósio, conta com a colaboração de uma multiplicidade de teólogos e outros peritos com capacidade para um trabalho de exigência e rigor.

Sendo de enorme utilidade sobretudo para os próprios cristãos, este dicionário enciclopédico destina-se todavia a crentes e não crentes, mantém uma perspectiva ecuménica, procura ser útil ao diálogo inter-religioso e ao diálogo da religião com a cultura. As Introduções do Cardeal Ratzinger – Bento XVI sobre a «situação actual da fé e da teologia» e do Card. Camillo Ruini sobre «A missão da Igreja no terceiro milénio» ajudam a compreender o alcance da importância de um livro como este.

JORGE COUTINHO

FILOSOFIA

CARON, Maxence (dir.), **Saint Augustin**, avec deux textes inédites en français de Joseph Ratzinger – Benoît XVI et une oeuvre de saint Augustin, coll. «Les Cahiers d'Histoire de la Philosophie», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 664 p., 195 x 135, ISBN 978-2-204-08058-3.

Nesta obra colectiva, é intenção de quem a dirigiu (M. Caron) proceder a uma revisitação de uma série de temas do pensamento filosófico de Agostinho, a quem o mesmo M. Caron considera, com fundamento, a par de Platão e Aristóteles, como um dos três mais importantes e mais influentes pensadores da humanidade. Essa revisitação tem em conta justamente esta enorme irradiação do Hiponense, ao mesmo tempo que um duplo perigo que ela pode trazer consigo: por um lado, prestando-se a trabalhos menos sérios; e, por outro, reduzindo a irradiação do grande mestre, na medida em que acaba encerrado no que se imagina ser da ordem da especialização. Este livro propõe-se, por isso, ir beber directamente às fontes, evitando *clichés* redutores, na direcção do agustinismo real.

Abre com um trabalho de J. Ratzinger, do seu tempo de Freising, em torno da originalidade e tradição no conceito agostiniano de «*confessio*». Trabalho de mérito e de rigor, como é timbre do teólogo Ratzinger, que começa por fazer a crítica de outros analistas do mesmo termo, como Courcelle, Kusch, Knauer e Böhmer. Investiga a tradição anterior a Agostinho, do lado da literatura extra-cristã como da cristã, conjugando, com pertinência e perspicácia, a dupla *confiteri* / *profiteri*.

Orienta-se para a afirmação da originalidade do termo nas *Confissões* atribuindo-lhe o significado de «*veritatem facere*» (fazer, aqui no sentido de praticar, a verdade) e de «*venire ad lucem*». Para o teólogo em presença, a *confessio* agostiniana recobre assim o duplo significado, de confissão / reconhecimento das próprias misérias e de louvor, acção de graças, enfim, aproximação da Luz, que é, afinal, o movimento, tão agostiniano, da *conuersio*. Por esta via, Ratzinger aproxima-se de J. Stiglmayr, que explorou o sentido da *confessio* como sacrifício ou culto espiritual.

Jean-Louis Chrétien colabora com uma «Introdução às *Ennarrationes in Psalmos*». Detém-se sobre a sua grandiosidade, a sua polivalência literária e estilística, a sua força de atractividade. Considera esta obra como espécie de suma em que se concentra um pouco de todos os aspectos e temas do pensamento agostiniano. Por isso a coloca entre as maiores, a par com as *Confissões* e o *De ciuitate Dei*.

Emmanuel Bermon apresenta uma análise do *De Trinitate*. Acolhe a sua estrutura em três partes: um desenvolvimento exegético, uma análise lógica da fórmula de Niceia e uma aproximação analógica em que ressaltam as imagens da Trindade no espírito humano. O seu estudo tem em vista, como declara, apresentar uma visão de conjunto desta obra complexa, sem pretender, em tão breve espaço, proceder a uma análise e interpretação de pormenor.

O saudoso Prof. Goulven Madec assina um extenso, muito trabalhado e muito documentado estudo sobre «Platonismo e cristianismo. Análise do livro VII das *Confissões*» (pp. 75-158). O livro VII versa sobre a conversão intelectual de Agostinho, tal como o VIII sobre a sua conversão moral ou da vontade. Madec divide o seu estudo em duas partes. Na primeira, que intitula «O estorvo do espírito» (*L'encombement*

de l'esprit), detém-se na análise de Agostinho a braços com o insidioso e para ele obsessivo problema do mal. A segunda parte é subdividida em duas: primeira, em torno da sua leitura dos «livros dos platónicos»; segunda, reflectindo sobre a pessoa de Cristo. Na verdade, como escreve Madec, os platónicos ajudaram Agostinho a ver a Pátria para onde se dirigir; mas não lhe mostraram o Caminho que a ela conduz (p. 93). Parece ter sido o seu amigo Simpliciano quem o ajudou a identificar, perfeitamente realizado na pessoa de Cristo, o *Logos* do Prólogo joanino, o *Noûs* dos platónicos e a *Sapientia* do *Hortensius* ciceroniano.

Dominique Doucet faz um ensaio interpretativo e explicativo do termo *idipsum* e equivalentes (*semper eodem modo, semper idem, «idem ipse est», ipsum esse*) com que Agostinho procura exprimir o mistério mais profundo de Deus. Começando pelas explicações que Agostinho dá do salmo 4, procede depois a uma inquirição lexical destas várias expressões, para terminar com a identificação dos grandes eixos do seu emprego, com particular referência à meditação que o santo doutor faz no livro IX das *Confissões*.

Marie-Anne Vannier detém-se a explorar a dupla categoria de «*creatio*» e «*formatio*» nas *Confissões*, em relação com o tempo e a eternidade, criação e plenificação do criado.

Anne-Isabelle Bouton-Touboullic apresenta um extenso estudo sobre a linguagem do corpo em Santo Agostinho. Servindo-se bastante de autores clássicos que versaram o tema da linguagem corporal em relação com a retórica (Cícero, Quintiliano, etc.) propõe-se ensaiar um resposta à questão: Em que medida aquele (Agostinho) que ensinou retórica antes da conversão e se tornou depois um pregador, se inspira nas reflexões tradicionais sobre a *actio* retórica?

Augustin Pic versa o tema do tempo no livro XI das *Confissões*, procurando pôr em relevo a intenção teológica desta meditação filosófica de Agostinho. O tempo, que se liga com a memória, de que se ocupara no livro X, é tratado no livro XI para mostrar a relação da criatura temporal com o Deus eterno, pela graça do Mediador, Jesus Cristo.

Kristell Trego assume o tema da alma e a vontade. Voluntário e involuntário, vontade e desejo, a tríade ser-viver-desejar, boa vontade e sabedoria, livre arbítrio, são, entre outros sub-temas, aí estudados.

Do livre arbítrio se ocupa expressamente Cyrille Michon. Com ele relaciona presciência e contingência, graça e autoterminação, apresentando, a propósito, a estrutura hierárquica do querer.

Hélène Machfert detém-se a reflectir sobre «o peso do amor», numa leitura de *Conf.* XIII, 9, 10 e não sem inserir o peso na tríade agostiniana «*mensura-numerus-pondus*».

Um trabalho de J. Ratzinger incide sobre a origem e o significado da doutrina de Agostinho sobre a «*Ciuitas*».

Patrice Cambronne assume o tema «Destino do eu, destino dos impérios» ou um olhar de Agostinho sobre o mistério da história. Trata-se de um estudo que é um excelente subsídio introdutório para a leitura do *De ciuitate Dei*. Começa por apresentar o estatuto do tempo, segundo Agostinho. Apresenta em seguida o tempo da história como lugar da liberdade, refutando, como tal, o fatalismo astral. O tempo da história é também apresentado como lugar da memória.

Gérald Antoni apresenta um excelente estudo sobre beleza do Verbo e beleza da criação, ou a criação como cântico (*carmen cuiusdam ineffabilis modulatoris*). Páginas elas mesmas de beleza, em que realça a criação como «sonho de Deus», e versa temas como beleza e glória.

Thierry-Dominique Humbrecht, O. P., põe em relevo como Aostinho foi um mestre para Tomás de Aquino, em temas como a história do ser, a «teologia natural», o nosso conhecimento e desconhecimento de Deus, a providência e a graça, o pecado original, o sacrifício de Cristo e o sacrifício da missa.

Isabelle Bochet, SFX, faz as suas variações contemporâneas sobre o enigma do tempo. Contemporâneos são, no caso, H. U. Von Balthasar, P. Ricoeur, Jean-Toussaint Desanti e Claude Romano.

Natalie Depraz, tendo como referência os mestres da redução fenomenológica (Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty), mas também com um original relacionamento entre «*reductio*» e «*conuersio*», versa o método da redução em Agostinho.

Philippe Sellier estabelece um enquadramento do agustinismo no campo geral do classicismo literário.

Maxence Caron aborda e relaciona, em profunda especulação metafísica e teológica, três grandes categorias: Ser, Princípio e Trindade.

O livro contém, finalmente, em anexo, um livro de Santo Agostinho, hoje impossível de encontrar, «*Sobre a fé nas coisas que não se vêem*», no qual o mestre de Hipona expõe sobre o sentido filosófico da fé e o sentido da filosofia pela fé.

Concluindo: estamos perante uma colectânea de muito interesse que, sem dúvida, constitui mais um precioso contributo para o aprofundamento de toda uma série de grandes temas legados pelo maior de todos os Doutores da Igreja.

JORGE COUTINHO

MARITAIN, Jacques, **L'homme et l'État**, Préface de Paul VALADIER, Desclee de Brouwer, Paris, 2009, 270 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06020-0.